

A relação da mulher com a música: como é sua participação e representação?

Larissa Kilian Pacheco
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Artes
Comunicação Social – Habilitação em Midialogia

Resumo:

Percebe-se que a mulher vem conquistando espaço em diversas áreas que sempre foram negadas a ela, entre elas o meio musical. Este artigo busca entender a representação feminina na música atual. Realizei tal tarefa através da análise de músicas populares selecionadas de um ranking, buscando nas letras escolhidas como a mulher participa e é representada em diversos gêneros, e comparei as produções femininas e masculinas, para perceber se há diferenças entre elas e quais são. Tendo em vista que na situação social da atualidade a mulher ainda não tem plena igualdade, o reflexo disto se manifestou na maioria das músicas, que caracterizou a mulher, principalmente, como objeto e submissa.

Palavras-chave:

Representatividade, participação feminina, música brasileira, caracterização, imagem.

Introdução:

A participação da mulher na sociedade sempre foi limitada por machismo e patriarcado, fato já conhecido, mas há mudanças que ocorreram com o tempo, impulsionadas por movimentos, principalmente feministas, que lutam contra esse tipo de opressão, transformando valores e padrões de comportamento relativos ao papel social feminino (CABRAL, 1999).

Com a conquista de novos espaços, as mulheres passaram a ocupar novas funções, mas ainda são, muitas vezes, vistas como símbolo de beleza e que tem o dever de serem meigas e femininas, além de ainda terem atribuídas à si as tarefas domésticas. Portanto, mesmo com a ocupação de um papel importante na sociedade, “a representatividade das mulheres está limitada” (SOUZA; RODRIGUES, 2015).

Tratando-se do meio musical, é comum imaginar a mulher como musa inspiradora de diversas músicas, além de atualmente criadora de muitas delas, pois tem conquistado seu espaço. Nem sempre foi assim, o espaço da mulher na área musical começou a ser conquistado somente entre os séculos XIX e XX. Grande exemplo brasileiro dessa conquista é Chiquinha Gonzaga, compositora e maestrina pioneira, que enfrentou diversos escândalos na luta pela profissionalização da mulher como musicista:

“A coragem com que enfrentou a opressora sociedade patriarcal e criou uma profissão inédita para a mulher, causou escândalo em seu tempo. Atuando no rico ambiente musical do Rio de Janeiro do Segundo Reinado, no qual imperavam

polcas, tangos e valsas, Chiquinha Gonzaga não hesitou em incorporar ao seu piano toda a diversidade que encontrou, sem preconceitos.
[...] A profissionalização da mulher como músico (e ainda mais aquele tipo de música de dança para consumo nos salões!) era fato inédito na sociedade da época.” (DINIZ, 2011)

Percebe-se, a partir de então que, do mesmo modo que a participação feminina social mudou, sua participação na música também, conquistando-se mais espaço. Porém, uma vez que observa-se a lista de músicos da Orquestra Sinfônica Brasileira (2015), nota-se que do total de 96 músicos (considerando os músicos fixos, em licença e temporários), somente 30 são mulheres, menos de um terço do total. Com isso pode-se concluir que:

“ainda hoje, embora menos, o universo profissional da música tal como uma arte apolínea tem sido dominada pelo homem, o que cria as maiores dificuldades de afirmação à mulher, mesmo que demonstre boas qualidades técnicas e especial sensibilidade interpretativa. Presentemente, o panorama musical está à mudar, vendo-se até uma coisa impensável há alguns anos atrás, mulheres na direção orquestral.” (NABAIS, 2008)

Fora dessa “área musical” mais restrita (e de acesso limitado à grande parte da população) que envolve, por exemplo, os artistas já consagrados e orquestras, e voltando-se a músicas que possuem veiculação em massa, é perceptível que a participação feminina também cresceu.

Entre os diversos gêneros musicais que estão em grande veiculação, há aqueles que “não agradam a sociedade e isto tem até causado polêmicas” (SOUZA; RODRIGUES, 2015), muitas vezes pelo modo que retrata uma situação ou, o que será analisado, como retrata a mulher, em sentido contrário a padrões conservadores, falando claramente da sexualidade e do poder feminino. Porém, em algumas dessas músicas também fica claro uma objetificação e hipersexualização quando a mulher é retratada.

Isso se deve, principalmente, pelo tempo em que se vive, já que “cada autor projeta em sua obra uma dada percepção do real, onde se reflete a sua posição de classe, sua história, vivida na história. Cada música é assim um cantar de tempo (época) no processo social” (COSTA, 2010). Partindo da premissa que a participação feminina na sociedade mudou, não necessariamente estando ideal, como já discutido, a participação e representação na área musical refletiria esse processo, inclusive pelo fato de agora as próprias mulheres se representarem na música que produzem, podendo acontecer uma diferença de representação do feminino entre suas músicas e as produzidas por homens.

É visível oposições, por exemplo, entre a participação feminina que se iniciou e a falta dela que ainda ocorre em algumas áreas, além dos diferentes modos que a mulher é retratada nas músicas. Como afinal está a participação da mulher no meio musical? E o modo como ela é representada nas músicas condiz com a realidade feminina ou há algum tipo de objetificação e diminuição de sua imagem?

O principal objetivo desse artigo é entender a presença da mulher na área musical atual, verificando principalmente o modo como elas são representadas nas músicas, especialmente em músicas brasileiras que possuem grande exposição nos meios de comunicação em massa,

e fazer um paralelo entre as produções femininas e masculinas, para traçar as diferenças de representação.

Método:

A pesquisa realizada foi bibliográfica, lidando com dados qualitativos, por se basear primordialmente em análises de músicas. Esta partiu de uma busca por teses e artigos na web, usados como referências para a introdução do artigo, onde se cria o contexto e histórico da participação feminina na música. Também houve busca por trabalhos que utilizassem músicas, em especial aqueles que analisavam a caracterização da mulher nelas, e estes serviram de bibliografia, dando base para realização da minha própria análise com as músicas pré-selecionadas. Houve também utilização de material audiovisual para complementar a bibliografia do artigo.

Após a pesquisa prévia para melhor embasamento, voltei-me para as músicas que já estavam selecionadas no projeto do artigo, sendo elas: Desconstruindo Amélia (PITTY, 2009), Na Batida (ANITTA, 2014), Rosas (CAROLINA, 2006), Eduardo e Monica (LEGIÃO Urbana, 1986), Mulher (PROJOTA, 2014), Vai Vendo (LUCCO, 2014). A seleção foi feita com base em ranking de artistas brasileiros mais acessados online: o primeiro artista dentre os gêneros musicais que apareciam na lista foi selecionado e escolhida alguma de suas músicas mais conhecida e que retrata de algum modo a mulher. Busquei a seleção de duas músicas de mesmo gênero musical, sendo uma ao menos interpretada por mulher e outra por homem, porém a lista não continha, dependendo do gênero musical, essa possibilidade. É importante ressaltar que os gêneros musicais também foram selecionados em ordem de aparição no ranking de artistas mais acessados online que foi utilizado.

Fiz a cópia das letras integrais e a separação de alguns versos mais expressivos, estes a serem usados na análise, pois se mostrou inviável a utilização total das letras. Realizei a análise dos versos separadamente, música por música, e posteriormente comparei, a partir das minhas conclusões, o modo que as mulheres se projetam em suas músicas com como elas são projetadas nas músicas masculinas. Por fim, comparei, sem maior profundidade, as músicas selecionadas com o restante do ranking, buscando entender se meus resultados refletiam a caracterização presente na maior parte das outras músicas ou se os resultados tinham maior margem de erro.

Resultado:

Para melhor entendimento do resultado obtido, partirei de uma análise individual de cada música, para notar pequenas diferenças e citar versos necessários, comparando posteriormente as músicas entre si para obter o resultado final sobre a representação feminina.

1. Análise dos versos selecionados

Iniciarei com a análise dos versos de cada música selecionada, diferenciando-as abaixo entre as que são com produção feminina e masculina para posterior comparação.

1.1 Músicas com produção feminina

Para desenvolver a melhor análise das músicas femininas, como é proposto nesse tópico, subdividirei este para cada música, analisando-as em tópicos separados, copiando neles os versos selecionados, seguindo das considerações necessárias.

1.1.1 Desconstruindo Amélia (PITTY, 2009)

A letra dessa música, num todo, narra a mudança da mulher, não uma em específico, assim como problemas e dificuldades enfrentadas por conta de seu papel social. Inicialmente ela exerce o papel “esperado”, de dona de casa responsável pelos filhos, que se torna independente, trabalhando fora de casa e responsável pela própria vida. De determinado modo, a música discute o papel da mulher como um todo na sociedade.

Nos versos da primeira e segunda estrofe são descritas funções que a mulher realiza e são designadas a ela de forma “natural”, diferente do que ocorre nas estrofes seguintes e no refrão.

*“Filho dorme, ela arruma o uniforme
Tudo pronto pra quando despertar”
(Desconstruindo Amélia - Pitty)*

É perceptível que aqui a mulher é caracterizada pelo cuidado com os filhos, ficando acordada até mais tarde para cuidado deles, assim como para o cuidado das tarefas em geral, pois em outro verso mostra-se que é tarde e ela deixou tudo certo enquanto todos dormem, além de que estar acordada com tudo pronto para quando eles acordarem também é sua função. Fora do contexto dessa música, esses versos não seriam facilmente questionados, uma vez que não incomodam, poderiam até valorizar a mulher que é tão boa no cuidado familiar e maternal, independente de essas funções só serem atribuídas a ela.

*“O ensejo a fez tão prendada
Ela foi educada pra cuidar e servir”
(Desconstruindo Amélia - Pitty)*

Nesses versos que seguem aqueles que descrevem suas ações, está clara a função que exerce e a causa delas: é ensinado à mulher ser a dona de casa, responsável pelos cuidados, por conta da ocasião em que vive, o contexto social que a torna “prendada”, esse que ainda diferencia e reprime funções, trabalhos e atitudes feminina fora do desejado ou padrão.

Já no refrão da canção, há a mudança da mulher. Esta não quer mais “disfarçar o cansaço e seguir em frente”, como dito na própria música.

*“E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo”*

*“Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também”*

(Desconstruindo Amélia - Pitty)

A letra é novamente óbvia quanto ao que acontece: ela torna-se a “jogadora” da própria vida, não sendo mais vista por outros como a que cuidaria de todos, o objeto sexual, a serva que cuida somente da casa, a submissa. Ela passa a tratar-se de forma igualitária com outros, e isso é mostrado nas estrofes seguintes, que possui isso de forma mais expressiva nos seguintes versos:

*“A despeito de tanto mestrado
Ganha menos que o namorado”*

*“Depois do lar, do trabalho e dos filhos
Ainda vai pra night ferver”*

(Desconstruindo Amélia - Pitty)

Aqui ela já trabalha fora e estuda, por exemplo, além de passar a se divertir mesmo tendo filhos, o que frequentemente impede muitas mulheres de continuar saindo, pois não seria “adequado à mães”. Apesar disso, passa a mostrar as dificuldades enfrentadas por ser mulher. No primeiro trecho é claro a questão salarial entre os gêneros, na qual mulheres ainda ganham menos que homens com o mesmo estudo. Já no segundo, pretendia-se mostrar a liberdade adquirida de continuar saindo apesar das outras funções, mas também se mostra a dupla jornada existente para mulheres, já que essas ainda tem sua função doméstica, atribuída somente a ela, para cumprir.

1.1.2 Na batida (ANITTA, 2014)

Essa música possui uma representação mais simples, até por ser mais curta e possuir letra repetitiva. Baseia-se, basicamente, no poder da mulher, que se mostra “mais forte” que o homem com quem fala, além de mostrar sua independência.

*“Você pensou que eu ia desistir
Nem precisa se iludir
Não sou daquelas que pedem pra parar, pra parar”*

*“Quando eu me mexer vai ver que vai perder”
(Na batida - Anitta)*

Alguns versos mostram a ação contrária ao esperado. Pela própria entonação da voz durante a música, nota-se até certo desprezo com seu interlocutor. A letra enaltece a mulher, mostra o poder dela de “ganhar” quando desejar, seu poder de decisão independente do que é pensado pelos outros ao seu redor.

*“Para a pista
Vem que aqui é o meu lugar”*

Por fim, há uma quebra com a frase de onde é o lugar da mulher. No contexto da música, o lugar dessa mulher em especial é dançando, onde se diverte e sente-se bem. Não intencionalmente, dialoga com frases cotidianas que impõe determinados lugares as mulheres, como seus deveres.

1.1.3 Rosas (CAROLINA, 2006)

Essa se mostrou a música mais problemática dentre as selecionadas que possuem participação feminina. Já no início a mulher se põe ao dispor do homem, disposta a não contrariá-lo e de toda forma possível, agradá-lo.

*“Você pode me ver
Do jeito que quiser
Eu não vou fazer esforço
Pra te contrariar
De tantas mil maneiras
Que eu posso ser
Estou certa que uma delas
Vai te agradar”*
(Rosas - Ana Carolina)

Com isso, já se porta de maneira submissa, quase “cumprindo seu papel”, servindo e agradando ao outro.

*“E não faço outra coisa
Do que me doar”*
(Rosas - Ana Carolina)

Essa letra também é óbvia quando ao que diz. As funções aceitas socialmente são bem representadas, uma vez que ela se doa para agradar e cumprir suas tarefas, essas aqui não explícitas. Por fim há a frase emblemática da música, que “Toda mulher gosta de rosas”, reproduzindo que a mulher deve ser presenteada por homens, além do significado da rosa de delicadeza e amor, características frequentemente exigidas de mulheres.

1.2 Músicas com produção masculina

Assim como feito para a análise das músicas femininas, as masculinas também serão subdivididas em tópicos, em cada tópico há análise de uma música separadamente, com os respectivos versos e considerações.

1.2.1 Eduardo e Mônica (LEGIÃO URBANA, 1986)

Dentre as músicas com produção masculina, essa foi analisada como a menos problemática. Durante toda a música, que conta a história de um casal, a mulher – Mônica - se mostra como a independente, que já estudava, trabalhava, entendia sobre os mais variados assuntos, enquanto o

homem – Eduardo – é desvalorizado. Há uma sucessão de versos que mostram todas essas diferenças.

*“O Eduardo sugeriu uma lanchonete
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard”*

“A Mônica de moto e o Eduardo de camelo”

*“Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês”*

*“Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus
Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol-de-botão com seu avô
Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação
E o Eduardo ainda tava no esquema
Escola, cinema, clube, televisão”
(Eduardo e Mônica - Legião Urbana)*

Apesar de todas as diferenças, na letra o casal resolve ficar junto e Mônica passa a ensinar Eduardo. Com isso ela seria a provedora do conhecimento, de certo modo a detentora do poder e de maior prestígio, acontecendo uma inversão de papéis, já que socialmente a mulher é vista de modo inferior. Há versos que deixam claro que, além de ela o ensinar, ambos passaram a estudar juntos, de forma igualitária na relação.

*“Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia
Teatro, artesanato, e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo”
(Eduardo e Mônica - Legião Urbana)*

Apesar de toda a representação igualitária na música, poderia-se dizer que há um verso levemente problemático, no final, quando é dito sobre os filhos do casal. O filho passa a ser “o filhinho do Eduardo”, que pode representar uma sociedade patriarcal, onde ainda as pessoas são representadas como algo do pai da família, porém como esse filho na música está de recuperação, pode ser que não quis ligar esse fato à mulher, que é bem representada na história, mas ao homem, que quando jovem, nessa letra, foi desvalorizado por ações como a falta de estudar.

1.2.2 Mulher (PROJOTA, 2014)

Essa música selecionada é a mais explícita e cheia de problemas em relação à mulher. Em nenhum momento há o desejo ou ações dela aceitos. No início ela aparentemente trabalha, mas sai por ter problemas para resolver. A partir daí, a letra diz que ela precisou buscar uma ajuda masculina, que aparentemente não tinha contato a certo tempo, e a letra deixa claro que ela não tem percepção do que faz ou capacidade de pensar, por isso precisa dessa ajuda. Apesar da necessidade de ajuda, por “conta da

saudade”, o homem deixa claro que não vai deixa-la falar, que tem outros interesses com ela, sendo o dela secundário. Essa mesma ideia que aparece na letra da música está resumida no refrão:

*“cê sabe o que eu vou te dizer
Os seus problema a gente tem que resolver
Mas deixa pra amanhã
Porque hoje eu vou te fazer
Mulher”
(Mulher - Projota)*

A representação como objeto sexual masculino persiste durante toda a música. Na segunda parte é contado sobre sua maquiagem, caprichada para agradar ao homem com que ela se relaciona, além de ser analisado seu corpo, isso sendo justificado por ser um convite “pro que ela tem no coração”.

No fim da música há uma serie de ordens que ela deve cumprir, todas relacionadas a ele. Seus desejos, sentimentos, gostos e atração são completamente ignorados. Entre os mais expressivos estão:

*“Se eu demorar, me espera
Se eu te entregar, aceita
Se eu te amar, me sente,
se eu te tocar, se assanha
Se eu te olhar, sorria
Se eu te pedir, me da
Se eu chorar, me anima”
(Mulher - Projota)*

Nesses versos finais há a síntese da representação que o homem tem da mulher nessa música: a submissa que realiza seus desejos, que deve deixá-lo bem, cumprir seu papel de cuidadora.

1.2.3 Vai vendo (LUCCO, 2014)

Essa letra também se mostra bem simples e pequena, uma vez que é repetitiva. Basicamente consiste em mostrar que o homem usou a mulher, e não somente a que se relacionava, ao mesmo tempo em que a traía.

No início já diz que não estava sofrendo com o que se entende por um término no relacionamento, pois tinha “um plano b”

*“Sabe de nada, a minha agenda tava disfarçada!
Lugar de homem era mulher,
restaurante era cabaré
Sabe de nada, foi enganada!”
(Vai vendo - Lucas Lucco)*

É evidente que houve mentira e traição, já que deixa claro que quando saia não ia para onde dizia, mas para cabarés e encontrar mais mulheres. Nesse ato, já se percebe a caracterização da mulher como objeto sexual novamente, como na outra música, uma vez que essas diversas mulheres com que se encontrava, serviam para “satisfaze-lo” quando a mulher com quem mantinha o relacionamento não podia. Há mais objetificações no decorrer da música, como em:

*“Postando foto com as gatas
Pra você ficar sabendo”
(Vai vendo - Lucas Lucco)*

Há nessas “gatas” o mesmo princípio que há nas mulheres e nos cabarés: são para satisfazê-lo, usados como objetos sexuais, analisados e “utilizados” desse modo. Além de tudo, a própria relação se estabelece desse modo, uma vez que não havia qualquer sentimento por parte dele, sendo explícito na letra que a mulher não faz falta alguma, é substituível. A relação era, provavelmente, quase um contrato social, que beneficiava pelo status e por ter alguém para satisfazer o que ele desejasse mais facilmente.

2. Comparação entre a caracterização analisada

Pelas músicas selecionadas foi visível uma grande diferença na caracterização da figura feminina nas suas letras: enquanto as femininas majoritariamente mostram uma mulher decidida e ativa, as masculinas tendem em sua maioria a mostrar a mulher realizadora de seus desejos e submissa.

Dentre as femininas, a maioria – duas das três selecionadas – caracterizaram as mulheres de forma positiva, sendo isso de forma mais explícita, em “Descontruindo Amélia”, onde há até certa discussão de seu papel social, ou não, como em “Na Batida”, onde a mulher ainda é retrata como poderosa, independente e dirigente de sua vida, sendo isso tratado de forma extremamente natural, o que é importante. É válido fazer um adendo que na terceira música, “Rosas”, foi notado posteriormente a seleção dessa música pelo ranking utilizado, que a letra era a única dentre as selecionadas com assinatura feminina que não continha uma autora, era somente interpretada por uma mulher.

Dentre as masculinas, ocorreu o oposto: a maioria – novamente duas dentre as três selecionadas, sendo que a terceira pode conter um vestígio de patriarcado – constrói uma imagem depreciativa em relação à mulher, retratando-a como puro objeto sexual, que realiza seus desejos e está ali para servi-lo. É válido notar aqui também que em nenhuma das letras houve participação feminina em sua composição.

3. Considerações sobre o ranking e as outras músicas

O ranking utilizado para a seleção das músicas é, de modo geral, muito mais amplo, portanto não posso dizer que essas avaliações são válidas para todo o cenário musical,

mas avaliando superficialmente outras canções, percebe-se que certo padrão se repete com frequência, no qual a mulher se valoriza em suas músicas, buscando e conquistando seu espaço fora dos padrões impostos, ao mesmo tempo em que o homem tende a subestimar-la. Há fuga desse padrão, como aqui também foi visto, pois em ambas as análises – feminina e masculina – duas das três músicas de cada caso seguiam esse padrão que percebi e foi dito acima, enquanto outra seguia caminho inverso. É válido dizer que a representação feminina pode mudar muito dentro de cada gênero musical, e vários não foram analisados.

É importante ressaltar, por fim, que durante a seleção das músicas foi percebida uma diferença quanto aos gêneros musicais em que mulheres e homens estão presentes. Em cada gênero musical há predominância de um, sendo que sertanejo, por exemplo, só havia homens, enquanto funk, no ranking, havia somente mulheres. Isso pode acontecer, possivelmente, por um apelo visual e sexual de acordo com cada música, porém isso não foi pesquisado ou levado em consideração.

Conclusões:

O objetivo geral de analisar a representação feminina em músicas foi bem sucedido. Percebi que, apesar dos avanços na participação social feminina, a sociedade patriarcal e ainda machista foi refletida nas músicas, principalmente nas masculinas.

Reintegro aqui que realizei uma análise breve das músicas, e estas eram pouco abrangentes. Seria necessária uma análise mais profunda, com mais gêneros musicais e maior número de músicas para traçar um panorama com menor margem de erro.

Apesar disso, o resultado percebido nessa pesquisa foi condizente com o esperado, que fosse percebida diferenciações de representação e participação de acordo com o gênero, hipótese essa baseada em fatos de participação social e musical apresentadas na introdução.

Para finalizar, acharia interessante para aprofundamento da pesquisa, com utilização de mais músicas como já dito, ou realização de outra a partir desta, em que fossem também analisadas músicas de diversas épocas, para traçar um panorama não só de como é a representação feminina no meio musical na atualidade, mas também de como ela se alterou no decorrer da história, levando também em consideração aspectos estéticos que cada gênero musical impõe.

Referências:

ANITTA. *Na Batida*. Composição: Anitta. Rio de Janeiro: Warner Studios, 2014. 3MIN.

CABRAL, Márcia Regina. *Análise histórica da participação da mulher no mundo do trabalho*. 1999. Disponível em: < <http://meuartigo.brasilecola.com/sociologia/analise-historica-mulher-mundo-trabalho.htm>>. Acesso em: 27 de março de 2015.

CAROLINA, Ana. *Rosas*. Composição: Totonho Villeroy. Rio de Janeiro: Sony BMG Brasil, 2006. 4MIN.

COSTA, Neusa Meirelles. *A mulher na música popular brasileira*. 2010. Disponível em: <<http://www.brasilcultura.com.br/cultura/a-mulher-na-musica-popular-brasileira-2/>>. Acesso em: 26 abril 2015.

DINIZ, Edinha. *Site oficial: Biografia Chiquinha Gonzaga*. 2011. Disponível em: <<http://chiquinhagonzaga.com/wp/biografia/>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

LEGIÃO Urbana. *Eduardo e Monica*. Composição: Renato Russo. Rio de Janeiro: EMI, 1986. 4MIN.

LUCCO, Lucas. *Vai Vendo*. Composição: Lucas Lucco, Flavinho, Thierry, Magno Santana. Rio de Janeiro: Sony Music, 2014. 3MIN.

NABAIS, João-Maria. *A mulher na história da música*. 2008. Disponível em: <<http://batepapoafinado.blogspot.com.br/2008/10/mulher-na-histria-da-msica.html>>. Acesso em: 28 de março de 2015.

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA. *Site oficial*. 2015. Disponível em: <<http://www.osb.com.br/>>. Acesso em 28 de março de 2015.

PITTY. *Desconstruindo Amélia*. Composição: Pitty, Martin. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2009. 4MIN.

PROJOTA. *Mulher*. Composição: Projota, Mayk. Rio de Janeiro: Warner Studios, 2014. 4MIN.

SOUZA, Nilda Farias; RODRIGUES, Marlon Leal. *A identidade da mulher no discurso de alguns estilos musicais*. 2015. Disponível em: <<http://www.uems.br/na/discursividade/Arquivos/edicao02/pdf/Nilda%20Farias%20de%20Souza%20e%20Marlon%20Leal%20Rodrigues.pdf>>. Acesso em: 29 de março de 2015.

Bibliografia:

NEWSOM, Jennifer Siebel; COSTANZO, Julie. *Miss Representation*. (Filme-vídeo). Produção de Jennifer Siebel Newsom; Julie Costanzo, direção de Jennifer Siebel Newsom. Estados Unidos, Girls' Club Entertainment, 2011. 86 min. color. som.

OLIVEIRA, Edinéia Aparecida Chaves. *A Expressão da Identidade Feminina nas Letras de Músicas Funk*. 2015. Disponível em <<http://www.celsul.org.br/Encontros/07/dir/arq7.pdf>>. Acesso em: 20 de abril de 2015

PAWLOWSKI, Cristiane. *A representação da identidade feminina em letras da Rita Lee*. 2012. Disponível em: <[http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelcul_artigo%20\(48\).pdf](http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelcul_artigo%20(48).pdf)>. Acesso em: 18 abril 2015.